mocidade
portuguesa
feminina

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina
Redacção e Administração: Comissariado da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

N.º 28

AGOSTO 1941

BOLETIM MENSAL // ASSINATURA AO ANO, 12$00 // PREÇO AVULSO, 1$00

SUMARIO

FÉRIAS...

...NESTE TEMPO DE GUERRA

Heureux ceux qui sont morts dans
les grandes batailles
Couchés dessus le sol á la face de Dieu.

SEMPRE êste meu Peguy me embala e me inspira. Peguy: um que viveu e morreu *«solenemente»*...

. . . .

Estou a lembrar-me que me lereis em férias — arredadas de preocupações e trabalhos — e penso logo também que há quem não tenha férias, neste verão de 1941: os combatentes, os prisioneiros e os mortos que esta guerra já fez...

E as mâis, e as esposas, e os filhos, e os irmãos e as noivas dêles...

. . . .

E repito, no entanto, o verso peguyniano: *Heureux ceux qui sont morts dans les grandes batailles*... Os que caiem no seu lugar, a cumprir — a servirem todos os grandes ideais — êsses são felizes.

A felicidade, a maior felicidade, deve estar nisto: morrer por qualquer coisa de grande, morrer fóra da cama, de pé. . . *à la face de Dieu:* beijados por Deus.

Direis: mas a guerra pode lá ser coisa grande?!...

— Os que lá andam sabem e querem apenas uma coisa: servir, servir com o sangue, com a vida.

. . . .

Benditos sejam os que partem na obediência sagrada — os que vão ocupar qualquer posto que a Pátria lhes entrega para de lá não arredarem, vivos ou mortos, mas com honra e, se fôr preciso, com dôr.

Benditos sejam os que partem — e que não haja nenhum que não leve logo consigo o sonho de uma, de muitas «grandes batalhas», daquelas que não terminam nunca sem marcarem uma vitória ainda mesmo quando se morre, ainda mesmo quando se não vence...

. . . .

Soldados de Portugal que partistes já: ouvi estas nossas palavras de raparigas lusas, vossas irmãs, vossas noivas, vossas filhas.

Ouvi: não choramos na vossa partida nem na saùdade imensa que todos os dias guardamos no peito e com que vos abraçamos cá de longe, sempre presentes:

Ouvi: — cumpri com alegria, olhos e coração alargados a todo o bocadinho que fôr nosso e que outrem nos queira roubar...

Ouvi: — fazei-nos mil juras que heis-de gostar de molhar com todo o sangue tôda a terra nossa e que, seja quem fôr, quizer para si...

Ouvi, irmãos soldados: vale a pena, vale a pena...

Nós, aqui, ficamos a rezar e a trabalhar: à nossa conta tomamos as vossas mâis e esposas e filhos.

Estai là sempre nas vigias a olhar pelos nossos bocadinhos de Portugal: nem uma cobardia, nem uma traição, nem uma deserção. Resaremos e trabalharemos por vós e para vós.

. . . .

Filiadas:

passai estas férias assim: a trabalhar, a resar, a servir.

Nem eu sei a que vos saberiam os meses de verão se não fôssem uma participação na tremenda dôr e preocupação que anda no coração e nos olhos de tantos portugueses e até da humanidade. Uma participação sincera, activa.

Quando se sofre tanto na terra de Deus — há-de por aí haver rapariga que o esqueça e insulte a alheia dôr e as lágrimas que os homens choram?

E para a vossa oração, tomai lá o conselho do poeta à sua netinha: *«faire le tour des misères du monde» :* não esquecer uma necessidade, uma dôr, um sofrimento dos que a cada hora caminham ao lado do homem.

G. A.

FESTAS E ROMARIAS

ASSIM que o bom tempo de primavera e verão aponta, logo por todo o Portugal começam as romarias, há as grandes feiras de ano e os mercados que provam a fertilidade esplêndida do nosso solo, a graça das nossas indústrias regionais, tão primitivas e simples algumas, mas dum tão grande sentido artístico. Do Algarve ao Minho, do Oceano à fronteira de Espanha sucedem-se as romarias, que se podem contar pelos domingos do ano.

Mas, entre tôdas, pela alegria, pelo colorido dos trajes, a graça das mulheres e o bom humor, predominam e marcam as festas e as romarias do Minho.

E' que o verdasco, êsse vinho espumoso e leal não excita os cérebros para o mal, apenas alegra em esfusiante expansão o espírito do minhoto, que já de si, é em geral pacífico e de boa disposição. E também não há mercados mais variados e mais cheios de gôsto. No princípio de Maio a festa das Cruzes em Barcelos dá o início às grandes romarias, que enchem o eco dos vales e o alto das montanhas com o ribombar dos Zés Pereiras, com o estralejar dos foguetes.

No mercado, de manhã, são os barros de elegantes feitios que numa exposição atraente se negoceiam, os linhos de Guimarães, as loiças pintadas, de desenhos graciosos e ingénuos, os tecidos que no tear caseiro a mulher do Minho, instintivamente artista, matiza com o melhor gôsto.

Á feira do gado chegam os boisinhos barrasãos, de olhos de gazela, focinhos meigos, corpos esbeltos e grande armadura, pungidos em artística e rendilhada canja, que as flores decoram, — no Minho não há festa sem flores — e em tudo elas aparecem. Rapariguinhas graciosas e esbeltas com o seu trajo colorido é que os conduzem e quantas vezes, se o dono os vendem, os entregam com uma lágrima a tremer nas compridas pestanas; se elas não hão-de ter saùdades dos companheiros de trabalho, a quem dispensaram os seus cuidados nos longos dias de inverno?

Depois vêm os ranchos de cantadeiras que na noite de fôgo, enquanto os foguetes de lágrimas espalham no céu o seu brilho colorido, dansam e cantam, com infinita graça e vida.

E nas grandes romarias, na Senhora da Agonia em Viana do Castelo, no S. João em Braga, nas festas de S. Gualter em Guimarães, que animação, que vida! A procissão com os seus anjinhos, com os andores enfeitados a capricho, rodeados de lanternas de prata, as mordomas com as fogaças à cabeça, êsses monumentos feitos em flores, em que os mais perfeitos desenhos são feitos com sombreados, só com flores dispostas com a mais requintada arte.

E quando há parada regional, então é que se vê a habilidade do nosso povo, a intuïção maravilhosa com que vão ornamentados os carros e a graça com que as raparigas minhotas, sobretudo as vianezas, se prestam à representação duma esfolhada, à chegada dum barco de pesca e à lota da sardinha.

Que alegria, que vida, que esfusiante vibrar o dum povo trabalhador nas suas festas e romarias, que como pedras preciosas esmaltam os domingos do calendário de verão e fazem de todo Portugal um rosário de orações aos Santos patronos das festas, e um ecoar de cantigas e dansas, maneira de descansar dum povo que de sol a sol moireja sem parar.

Rezar, cantar, em todo o Portugal há um domingo de romaria onde alegremente se vive a vida dum povo de tão marcadas características e que há oito séculos assim vive.

MARIA D'EÇA

mitza

OS QUE NÃO TÊM FÉRIAS

MUITAS de nós, durante as férias, trocamos a cidade pela aldeia. E viver na aldeia é entrar numa grande família, que não devemos ignorar.

Gente pobre e humilde de quem nos será fácil ganhar a simpatia e a quem nos será fácil fazer bem com um simples «bom dia» acompanhado dum sorriso, um afago a uma criança, ou uma pregunta que mostre interêsse, um interêsse que não anda muito longe da caridade...

E será de mais dar aos pobrezinhos essa esmola de afecto quando por êles passamos para nos irmos divertir, enquanto êles — que nunca têm férias — vão mourejar?!

Olhai essa vèlhinha, carregada de lenha. Parai um instante. Conversai com ela. E o seu carrêgo parecer-lhe-á mais leve porque a vossa simpatia o aliviou.

Quanto bem se pode fazer mesmo sem nos desviarmos do nosso caminho!

Com o seu burrinho, carregado de taleigas, passam uns moleiros. Parai um instante. Dizei-lhes duas palavras. Adeus! Toc... Toc... Toc... Toc... Como vão ligeiros os moleiros mais o seu burrinho! O encontro que tiveram convosco deixou-os contentes!

Sêde boas e compreensivas para todos os que trabalham; com uma palavra podeis compensá-los das suas canseiras e conformá-los com a sua sorte — tão diferente da vossa!

O vosso ar distante, desinteressado e orgulhoso seria uma injustiça!

Raparigas da Mocidade, aproximai-vos dos pobres e humildes e fazei-lhes sentir gentilmente o vosso amor cristão.

Durante as vossas férias, irradiai à vossa roda simpatia — e passareis fazendo o bem!

COCCINELLE

Fotos do Dr. Pires de Lima

Moleira (Beira Baixa) — Foto Tom
Na floresta — Foto de Szucs

O que nós queremos que as nossas raparigas sejam

SER NOVA é encarar o futuro a sorrir com confiança...

SER NOVA é colher alegria das mais pequeninas coisas...

4.º—NOVAS

HOJE vou tratar de um dever com certeza bastante inesperado para vocês, raparigas: o dever de serem novas.

Vocês são novas pela idade; têm de ser novas até pelo próprio nome do vosso Movimento: Mocidade. Mas é preciso, para vossa felicidade, que saibam ser novas pela vida fora. E podem aprender a sê-lo.

Ser novo, é ser entusiasta, é ser bom, é ser puro, é ser forte. Ser novo é empenharmo-nos sinceramente em tudo quanto fazemos. Pressentir e respeitar o sentido profundo de tudo aquilo com que lidamos. E, para tudo isto, não importa a idade. Por isso, nós queremos que vocês sejam novas tôda à vossa vida; que cada dia, compreendam melhor a mocidade.

Agora, nas rapariguitas que vos vão sendo confiadas, àmanhã, nos vossos filhos e, até, quando lá chegarem, nos vossos netos—porque vocês podem e devem ser novas, mesmo de cabelos brancos—não vestindo-se, nessa altura, de meninas, que seria a maneira de parecerem velhas, mas novas pelo sentimento; amimando e amparando a gente môça, sendo, como algumas senhoras que tenho conhecido, fonte de mocidade. Porque há senhoras que atraiem irresistivelmente as raparigas e é essa a melhor prova do que elas são. Conhecem-se pelo olhar limpido, pelo sorriso, pela boa disposição, pelo bom conselho. E nunca ficam isoladas porque encontram, à sua volta, o reflexo da sua mocidade. Vivem na vida e não fora dela.

E nós queremos que vocês olhem a vida bem de frente. A realidade é muito grande mas, para a entendermos, precisamos de profundá-la, não nos deixando desanimar pelas aparências—e, para isso, temos de atirar para fora de nós mesmas tudo o que é falso, tudo o que não presta.

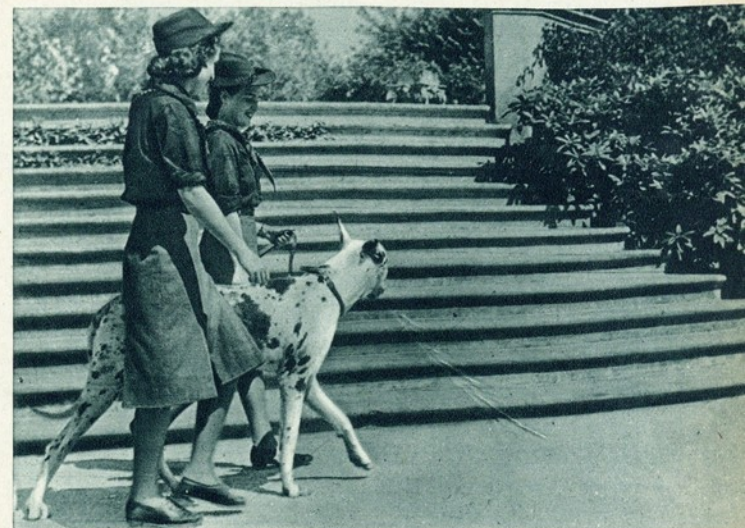
Eu bem sei que isso é difícil ou pelo menos, parece sê-lo: mas nós devemos educar-nos, ter a coragem dêsse esfôrço. E vale a pena.

Li, uma vez, a história verdadeira duma rapariga a quem alguém, vendo como tôda a gente gostava dela, preguntou:—«Porque será que são todos tão seus amigos»? Ela hesitou, um momento: —«Não sei». E, de repente:—«Olhe, só se for porque eu sou tão amiga de todos».

Minhas raparigas, isto é ser-se novo.

Hilda R. M. d'Almeida Corrêa de Barros

«Irei até ao altar de Deus... Até Deus, que é a alegria da minha juventude».

SER NOVA é gosar a alegria de viver e acarinhar tôda a vida que desponta...

SER NOVA é amar o movimento e repartir simpatia, por todos os seres...

I

O Senhor Presidente da República, Ministro da Educação Nacional, Comissária Nacional da M. P. F. e convidados visitando a Exposição no dia da inauguração

II e III

Aspectos da Exposição

O IV SALÃO ESTÉTICO DA MOCIDADE PORTUGUESA

COM a assistência de Sua Ex.ª o Senhor Presidente da República, senhores Ministro e Sub-Secretário da Educação Nacional, Dr. Marcelo Caetano, Comissário Nacional da M. P., D. Maria Baptista dos Santos Guardiola, Comissária Nacional da M. P. F., Dirigentes da M. P. e da M. P. F., Directores da Sociedade de Belas Artes, etc., inaugurou-se no passado dia 21 de Junho o IV Salão de Estética da M. P.

Esta exposição, apesar-de ter lugar no salão nobre das «Belas Artes», não se pode chamar pròpriamente, dum modo absoluto, uma exposição de arte: muitos dos trabalhos expostos não teriam merecido êste qualificativo, mas apesar-da imperfeição de alguns trabalhos, quanta beleza e encanto na *alma* que dêles se desprendia!

Visões de coisas grandes, traduzidas por lápis infantis... e que ficam grandes, apesar-de tudo!

Impressões de coisas belas, reproduzidas toscamente, mas que guardam a beleza da emoção com que foram sentidas ou vividas!

Os «salões de estética da M. P.», além de serem um estímulo para trabalhar com gôsto e perfeição — quantos trabalhos belos e perfeitos! — são uma revelação de almas, pois êsses trabalhos deixam adivinhar a *obra de arte* que nas almas se vai fazendo.

«Obra de arte» nacionalista e patriótica; «obra de arte» cristã e social; «obra de arte» de boa e leal camaradagem.

Aqui, um desenho em que um grupo de rapazes da M. P. erguem sôbre os ombros «Tôda a terra portuguesa».

Além, um mapa de Portugal em que o esfôrço da «Mocidade levanta um padrão sagrado. Lê-se na legenda: «A Mocidade ergue bem alto o nome do seu glorioso Chefe: Salazar».

Muitos desenhos figuram actos altruistas prestados pelos filiados: auxílio aos fracos, socorros aos aflitos, actos de bondade e de heroismo, de abnegação e coragem. Desenhos ingénuos, mas cheios de coração.

Outros reproduzem a vida e actividades da M. P. Repetem-se, sobretudo, aspectos da vida nos acampamentos. Vê-se que o *camping* merece as predilecções dos rapazes. A alvorada, jogos, serviços, «a chama da Mocidade» que brilha tôda a noite, etc., etc.

Outros desenhos evocam paìsagens e costumes portugueses, figuras da nossa história... Portugal! Portugal! Portugal! debaixo de mil aspectos.

E é porque Portugal *está ali*, nesta exposição, que elas são sempre tão belas e delas se sai tão consolado!

A Mocidade Portuguesa Feminina teve mais uma vez um lugar de destaque no Salão de Educação Estética. Os seus bordados e rendas, os seus desenhos e trabalhos de arte aplicada, não diziam mal entre as modelagens de ferro batido e de madeira, as filigranas e os bronzes dos rapazes.

— «Que lindo trabalho!», ouvimos dizer ao senhor Presidente da República em frente duma das colchas de Castelo Branco (da Escola de bordados regionais da M. P. F.). Na verdade, era linda: bordada a seda natural, de tons azuis, com cravos amarelos, imitando perfeitamente as colchas antigas.

Tantas eram as coisas bonitas que é dificil fazer reportagem.

Bordados com motivos populares, cheios de movimento e de côr.

Toalhas de mesa que enriqueceriam o bragal duma noiva.

Toalhas de altar, bordadas a branco, e tão delicadamente trabalhadas que com certeza foram feitas com devoção.

Bordados da Ilha de S. Miguel, de Viana do Castelo e Guimarães.

Crivos fininhos e pacientes... Filets de rêde miudinha... Rendas de crochet... Bordados em tule com desenhos delicados e artisticos... Bordados a ponto de cruz...

Blusas bordadas, género regional, tão frescas e alegres!

Tapetes de Arraiolos e de Smirna.

Um grande pano com um jarro de flores, feitas, estas, em chitas recortadas e aplicadas. Trabalho interessante e vistoso.

A lenda das amendoeiras, também em aplicação. Lá no alto, o castelo da princeza, em baixo, as amendoeiras, neve em flor!

Muitas almofadas. Destacamos apenas uma, a que chamou mais a atenção pela idéia feliz: o bordado imitava, sôbre o veludo da côr do barro, as bilhas de Niza, encrustadas de pedrinhas brancas.

Desenhos. Caricaturas expressivas e espirituosas, que muito foram apreciadas.

Arte aplicada. Jarras pintadas, objectos de adôrno do lar. Uma deliciosa girafa que fez o encanto de grandes e pequenos.

...E que mais?! Se houvesse espaço, falariamos de tudo! Mas temos de terminar.

MARIA JOANA MENDES LEAL

1

Nas horas de repouso: a alegria duma boa leitura.

2

Um grupo de Filiadas no jardim da casa onde está instalada, na Parede, a Colónia de Férias da M. F. P.

3

... e as nossas raparigas riem contentes!

COLÓNIAS DE FÉRIAS DA M. P. F.

TRÊS Colónias de férias! Que grande e bela iniciativa! Muitas centenas de filiadas da M. P. F., que não poderiam, talvez, doutro modo, sair das cidades, vão gosar a alegria dumas semanas passadas à beira-mar ou no campo, em agradável convívio com outras raparigas e num meio que não lhes deixará sentir demasiado a falta da família, porque outra família substitue a família que deixaram.

Sempre a «Mocidade» deseja ser para as suas filiadas como uma grande amiga, que a todas ama e em todas pensa, atenta à sua saúde física e moral; mas, nas Colónias de férias, essa preocupação aumenta ainda e tudo se faz, sem olhar a sacrifícios, para que o *bem* das «Colónias» seja um bem completo: para o corpo e para a alma. Uma médica, permanente na Colónia, vigia cuidadosamente a saúde das filiadas e a Directora ocupa-se maternalmente de todas. As Graduadas, que fazem na Colónia o seu estágio, ajudam as Dirigentes, tendo cada uma a sua parte de trabalho e responsabilidades. E êsses serviços que prestam, a elas próprias as acabam de formar.

«As férias — diz o dicionário — são um tempo de descanso em que não há estudos».

Não acham a definição incompleta?

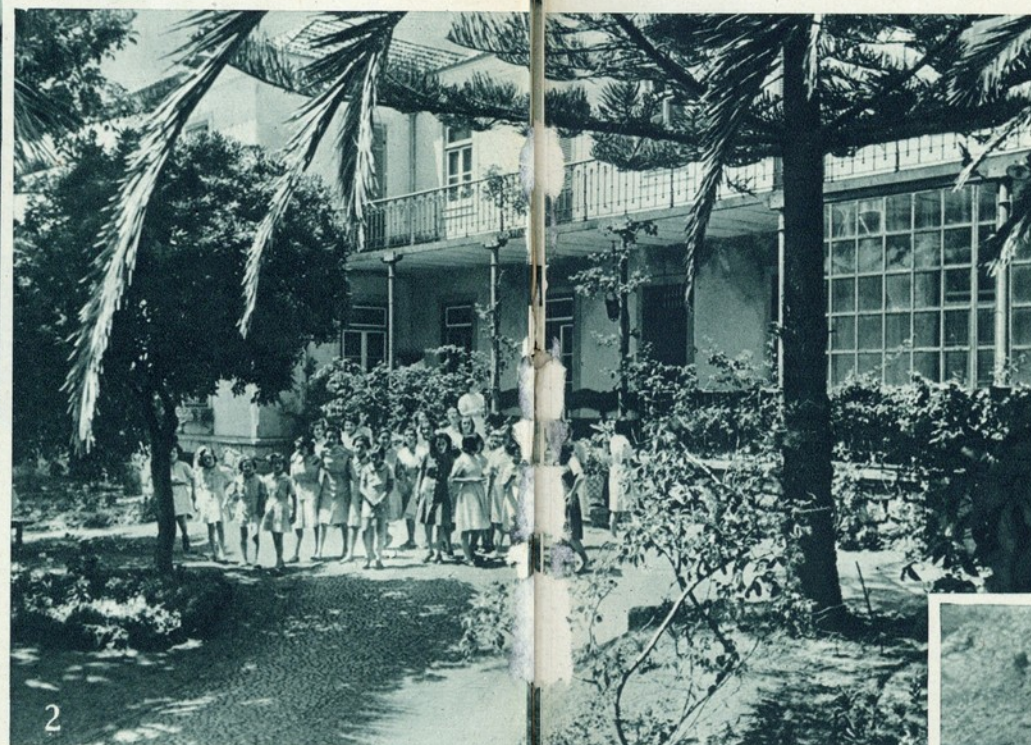
Eu não pretendo reformar o dicionário, mas parece-me que as férias são alguma coisa mais: tempo de alegre debandada, de tréguas nas preocupações ordinárias da vida; tempo de maior liberdade e maior alegria, passado em amores com o mar ou com os campos e as serras.

Férias... suspensão do estudo, sim, mas também, para serem *boas férias*, tempo de alegria e movimento!

O repouso das férias não deve significar enércia, isto é, repugnância pela acção, mas repouso compatível com uma vida sádia ao ar livre.

Repouso e alegria.

Alegria que dispensa distracções com programas em salas de espectáculos, mas em que a alegria se deve respirar no próprio ambiente que habitamos, ao mesmo tempo que os pulmões respiram um ar mais puro e o corpo se fortifica com exercícios bem organizados.

Em tudo isto se pensa nas Colónias de férias da «Mocidade»...

A primeira das três colónias que abriu foi a de Parede, que funcionará durante os meses de Julho, Agosto, Setembro e Outubro e se destina às filiadas das provincias da Extremadura, Ribatejo, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve, em turnos de 50 raparigas.

Visitei esta Colónia logo a seguir à sua abertura. Uma bela casa, com as quatro faces rasgadas de janelas que dão para o mar ou para a verdura dos quintais que a cercam.

No jardim algumas árvores oferecem a sua sombra amiga às raparigas, para as horas em que se não está na praia. A praia é a grande *sala de estar*... Dentro de casa, também há uma, mas onde se pára pouco... O mar está lá em baixo a chamar! Mas no tempo que se passa em casa também ninguém se aborrece: vários jogos, entre eles uma grande mesa de ping-pong, entretêm alegremente e para quem gostar de ler não faltam bons livros na biblioteca.

A praia onde a Mocidade armou os seus toldos é pequenina, mas, por emquanto, está-se ali muito à vontade. Há pouca gente. Nesta manhã quente do princípio de Julho, o mar, quási sem ondas, vem morrer na areia, na toada meiga dum embalo. Tão sereno, não mete medo; mesmo as mais pequenas, e até aquelas que ainda não conheciam o mar, entram por êle sem receio. Está tão socegadinho o mar!

As mais velhas, que sabem nadar, ensinam as outras a boiar. E o mar parece tornar-se mais manso ainda para as sustentar à tona da água.

As melhores nadadoras afastam-se e lá do largo acenam-nos risonhas!

Voam bolas sôbre a água... Saltam bolas sôbre a areia. Brinca-se e ri-se. A vida é leve neste momento, o mar é lindo e as pessoas amigas... Bemdito seja Deus!

Olhares vigilantes acompanham as raparigas. A praia está cheia de sol, de alegria e de amor.

A «Costa do Sol» estende-se arredondada com as suas vivendas que nos parecem muito distantes, tão desinteressadas nos sentimos do que por lá se passa: só o mar nos interessa e captiva. Acabou o banho. Para aquecer, fazem-se exercícios de ginástica, sob a direcção de duas Instrutoras.

Os corpos curvam-se em movimentos ordenados que os tornam mais saudáveis e elegantes. Os braços estendem-se, sobem, descem... As pálidas flores da cidade vão tomando côr...

Um tempo de descanso. Formam-se grupos, sentadas pela areia. Algumas preferem jogar. O *volley-ball* está animado.

. . . .

Um vapor afasta-se ao longe, deixando um rasto de fumo. Um hidro-avião passa ruidoso sôbre a praia...

E êsse barco que se afasta e êsse avião que nos sobrevôa ensombram por um momento a nossa alegria. Mas é preciso que essa alegria prevaleça: subindo para Deus em acção de graça, ela nos perservará... da tristeza!

Gosemos a nossa paz. O mar está azul, tranqüilo...

As nossas raparigas riem contentes...

Maria Joana Mendes Leal

ERA UMA VEZ...

Miriam, a ceguinha de Magdàla

NAQUELA terra de Magdàla, na Galileia, vivia o oleiro Ruben com sua mulher Salomé e uma filha de oito anos, Miriam, cega de nascença.

— Ora porque me havia de acontecer isto? — gemia às vezes o oleiro — Tanto queria ter um rancho de filhos e só me vem uma cega!

— Deus assim o quis, Ruben: não te revoltes — respondia Salomé.

— E para que serve uma cega neste mundo? — contiuuou Ruben — Mais valia morrer.

A pobre Miriam ouvia estas frases muita vez e lágrimas ardentes enchiam logo os seus pobres olhos que nunca tinham contemplado o céu!

Adorava os pais e no seu coração de criança só havia sentimentos bons; mas concentrava-os todos em si mesma e só com a mãi abria a sua alma. As outras crianças abusavam da sua fraqueza; e às vezes empurravam-na e fugiam, gritando-lhe:

— Miriam quem te bateu?

Uma noite, tendo o pai ido levar umas talhas longe dali, estava Miriam sòzinha no seu catre quando ouviu passos que se aproximavam. Quem podia vir àquela hora, sabendo que os pais tinham saído e só voltariam de manhã? Miriam ouvia com agudesa... Deviam ser os bandidos que infestavam a Galileia e de que tanto se falava em Magdàla. E Miriam, com o seu ouvido agudíssimo, ouviu os passos de muitos homens, correndo... O que fazer para defender as moedas que o pai tinha guardadas numa das grandes talhas de azeite, agora vazias? Os bandidos iriam de certo encontrá-las, e levar todo o ganho do pai, que tão duramente trabalhava o ano inteiro! E Miriam chorava em silêncio, pensando na sua inutilidade, na sua invalidez... De repente teve uma idéia; e levantando-se apressada, foi buscar a bilha grande que estava sempre ao canto da lareira. Levando-a até ao poço que havia no pátio interior, depressa conseguiu enchê-la: correu quanto pôde, apesar do pêso da bilha cheia, e foi deitar a água nas duas talhas das quais uma continha as preciosas moedas; fazendo êsse trabalho muitas e muitas vezes, pois as talhas eram grandes. Depois foi ao pote das azeitonas e, agarrando nelas às mãocheias, deitou-as para dentro da talha do dinheiro. Mal acabara o seu difícil trabalho quando, acocorando-se a um canto da casa, ouviu o resfolegar alto dos bandidos entrando; enquanto um dêles, puxando-a por um braço, gritou:

— Filha de cão, onde está o dinheiro que o teu nojento pai tem guardado?

Miriam levantou para o homem os olhos sem vista e respondeu:

— Sou cega de nascença; como queres que eu conheça os alçapões da casa?

O homem atirou com ela brutalmente e começou, com os outros, as buscas em todos os cantos! Passaram junto às talhas cheias de água e azeitonas: nem um momento sequer se lembraram de as olhar! Andaram dum canto para o outro e, vendo luzir a madrugada, apressavam-se... E Miriam, exagerando propositadamente a incerteza do seu andar, foi caminhando devagar para o jardim onde se quedou a rezar baixinho... Falava-se tanto dum Nazareno que curava todas as moléstias e chamava a si as criancinhas... E Êle estava em Magdàla; quem sabe se a curaria também?

Um apito, ali perto, avisou os ladrões de que vinha gente; e Miriam sentiu-os passar a correr, empurrando-a na correria com tal violência que a sua cabeça foi bater contra a borda baixa do poço, ferindo-lhe a testa.

E quando os pais entraram em casa ali a encontraram caída e meio desmaiada, sem quàsi poder explicar o que se passara.

— Vieram os bandidos! — foi só o que ela disse.

Mas quando o oleiro correu para as talhas e as viu cheias de água e azeitonas, escondendo hàbilmente o seu precioso dinheiro, compreendeu a coragem admirável da pobre ceguinha! E, pela primeira vez na sua vida, aquêle pai rude beijou as faces de Miriam, que a mãi estreitava nos braços.

— Que queres que te faça filha minha? — preguntou o pai, comovido.

— Que me leves ao Nazareno — respondeu Miriam sorrindo, esperançosa.

Os pais olharam-se, espantados.

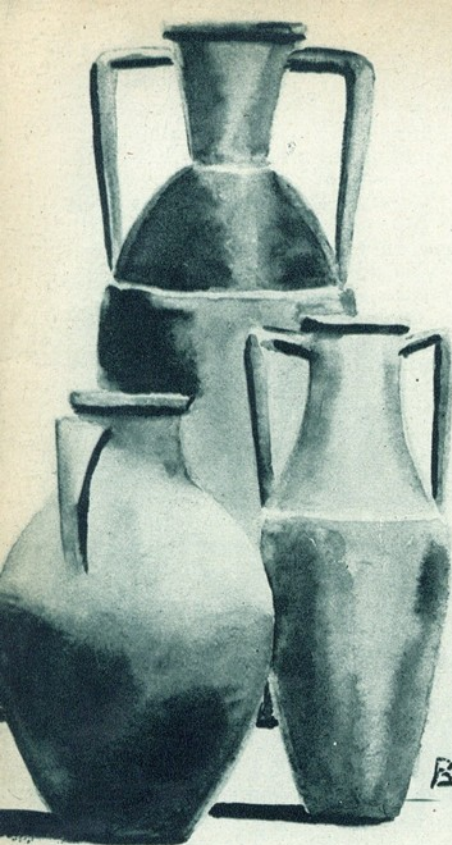
— Para que queres ir juntar-te à turba em volta dêsse homem? — tornou o pai.

— Deixa-me ir ao Seu encontro com as outras crianças! Deixa que Êle me veja, que Êle me ponha a mão na cabeça, que Êle me cure!

Salomé abraçou a filha e disse:

— Vem comigo, Miriam, que o Nazareno deve passar hoje de manhã junto à fonte! — e as duas saíram, seguidas de Ruben, pensativo, ao encontro de Jesus.

Agora era já de manhã clara! E os pássaros chilreavam alegremente. Quando chegaram à fonte, um grande rancho de crianças ali brincava, esperando a passagem do

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

MARIA DA GRAÇA NO CAMPO

(Continuação do número anterior)

III

D. Francisca andava, agora, muito atarefada, pois aproximava-se o Natal; e os pais de Maria da Graça queriam reunir em volta do Presépio tôda a gente pobre dos arredores, numa enorme e piedosa festa.

D. FRANCISCA *(à hora do chá)* — Sabes, Graça, eu quero que tôda a creançada, não só da Freixeda mas das Quintas próximas e da aldeia, tenham no Natal a mais linda festa da sua vida.

MARIA DA GRAÇA *(com entusiasmo)* — Oh Mãi, vou vêr se consigo ensaiar os pequenos todos da Catechese e fazel-os cantar canticos ao Menino Jesus!

D. FRANCISCA — Tu sósinha não podes, filha. Mas quem podia ajudar-te, sabes quem é? O Manuelsito Sarmento que é extraordinàriamente musical. Disse-me o nosso Prior que êle até toca harmonium muito bem.

MARIA DA GRAÇA *(admirada)* — Como pode ser isso, Mãisinha, se êle é cego?

D. FRANCISCA — Pois é extraordinário, é. E tão simpático rapazinho, coitado! Vamos pedir-lhe para vir cá logo ao serão e combina-se tudo.

MARIA DA GRAÇA *(levantando-se)* — Posso telefonar ao João José para êles virem também?

D. FRANCISCA — Acho muito boa ideia. E as primas podem bem ajudar-nos, se quizerem.

MARIA DA GRAÇA *(aborrecida)* — Com certeza que não querem, Mãi; nem a Lourdes nem a Cuca estão para se massar.

D. FRANCISCA *(admirada)* — Porque dizes isso, Graça?

MARIA DA GRAÇA — A Lourdes só gosta de estar sentada a ler; e a Cuca está sempre a implicar comigo.

Neste momento, o criado Joaquim, na familia havia mais de 20 anos, entrou na casa de jantar, com uma carta sôbre a salva de prata.

JOAQUIM — Senhora D. Francisca, está ali o caseiro do Sr. Dr. Castel Branco que trouxe esta carta.

D. Francisca leu a carta.

D. FRANCISCA — Olha, Graça, está tudo combinado por si: a Tia pede-me para jantarem cá hoje os pequenos todos para se consertar o fogão, onde houve um desastre. Joaquim, diga que eu peço desculpa de não escrever e que cá espero os meninos com muito prazer. *(Joaquim saiu).*

MARIA DA GRAÇA *(contente)* — Vai ser óptimo, Mãi; e talvez a Cuca esteja menos embirrenta hoje!

Eram já sete horas quando chegaram os primos Castel Branco: Maria de Lourdes, João José e Cecilia a quem todos chamavam «Cuca».

CUCA — Aconteceu um desastre no fogão lá de casa!

MARIA DA GRAÇA — Foi bem bom, para virem cá todos jantar!

MARIA DE LOURDES — Mas ia havendo um incêndio e podiamos ter morrido todos!

JOÃO JOSÉ — Ainda o que valeu foi ser de dia!

MARIA DA GRAÇA — Olhem que vamos hoje combinar a nossa festa do Natal. Querem ajudar a ensaiar as crianças pobres? Os manos também vêm de Lisboa a férias.

MARIA LOURDES e CUCA *(ao mesmo tempo)* — Eu não posso.

JOÃO JOSÉ — Ajudo eu, se souber, Maria da Graça!

CUCA *(ao irmão)* — Você não tem tempo, bem sabe. Está sempre a correr para a Freixeda...

JOÃO JOSÉ — O tempo arranja-se. O que queres que faça, Graça?

MARIA DA GRAÇA — Olha, amanhã mando cá vir as crianças da Doutrina; temos de apurar as que são afinadas e as que o não são, mantê-las em ordem...

MARIA DE LOURDES — E quem *é* que as ensaia?

MARIA DA GRAÇA — Vou pedir ao Manuel Sarmento para me ajudar nos cantos.

CUCA — Vais-te meter numa camisa d'onze varas, e no fim sai uma borracheira!

JOÃO JOSÉ — Cuca, você é um espirito azedo como o rabo do gato!

CUCA *(zangada)* — Não era essa a sua opinião *d'antes...* Agora é que eu sou uma peste...

MARIA DA GRAÇA — Não briguem, meninos. Então, João José, posso contar que venhas cá ámanhã logo a seguir ao almoço grande?

JOÃO JOSÉ *(radiante)* — Pronto!

Todo o jantar se falou no programa da festa, nos canticos a ensaiar; e o próprio pai, D. Antonio d'Aguiar, lembrou coisas várias para aumentar o programa.

D. FRANCISCA — Apesar de todos esses projectos, não me parece ainda bom esse programa. Se vocês fossem capazes de realisar uma ideia minha...

MARIA DA GRAÇA — Diga, diga, Mãisinha!

D. FRANCISCA — O tempo é escasso, realmente; mas...

D. ANTÓNIO — Estou a adivinhar o que tu queres, Francisca: é que representassem qualquer coisa, não é?

D. FRANCISCA *(risonha)* — Fazia-se a reconstituïção do Presépio na abegoaria; e representavam o *Autosinho do Natal.*

MARIA DA GRAÇA *(com alegria)* — Sim! Sim!

JOÃO JOSÉ — Deixem-me entrar também, sim?

MARIA DA GRAÇA — Podes ser o S. José, e a Lourdes a Nossa Senhora!

CUCA — Eu antes quero vêr.

D. FRANCISCA — Lembram-se que há um Prólogo dito por um saloio? Esse saloio podias ser tu, Graça, ou algum dos teus irmãos.

D. ANTÓNIO — E os pastores, as mulheres, os homens, os Reis? olhem que ainda são precisas uma duzia de personagens!

IV

Na véspera do Natal, mercê do enorme trabalho dos pais, do Prior, das criadas, e das três familias Aguiar, Castel Branco e Sarmento, estava tudo a postos para o último ensaio.

A abegoaria da Freixeda era vasta; e no canto do fundo, junto à mangedoura, estava preparado o Presépio. Velhas lâmpadas de azeite, pendiam das traves; e a vaquinha turina dum lado, a mulinha russa do outro, serviam de fundo à Santa Familia, formada por Maria de Lourdes, de manto azul sôbre túnica rosada, um véu branco cobrindo os cabelos ondeados, João José, com uma curta barba castanha, e o encantador bébé que era o filhinho dos caseiros da Freixeda. Uma cortina, porém, vedava êste lindo quadro do público; e era deante dessa cortina que teria logar tôda a representação do *Autosinho*, assim como o *Prólogo* dito pelo *Saloio.*

Nessa noite foram todos à missa do Galo na modesta igreja da aldeia; e poucas foram as pessoas que não comungaram com a maior devoção.

(Continua)

Rabbi. Miriam sentou-se, calada, sôbre a borda da fonte. Ouviu de repente os gritos alegres da pequenada que via já, ao longe, a alta figura do Mestre, seguido dalguns discipulos.

— Lá vem! Lá vem! Lá vem o Rabbi—exclamaram alguns, correndo ao encontro de Jesus.

Os discipulos ralhavam, dispersavam o bando turbulento, queria impedi-los de se aproximarem do Rabbi...

Mas dali a momentos Miriam ouviu, já perto da fonte, uma voz de tal doçura que se encheu de comoção o seu coração, pronunciar:

— Deixae vir a Mim os pequeninos...—e uma mão suave pousou sôbre a sua cabeça.

— Rabbi! Rabbi! Dá-me a vista que nunca tive!— murmurou Miriam, enquanto lágrimas ardentes cobriam o seu rosto.

— Se tens Fé, curar-te-hás... — murmurou a voz suave, tão doce como Miriam nunca ouvira em tôda a sua vida!

E, ajoelhando aos pés de Jesus, levantando para Êle os seus olhos que não viam, os seus braços suplicantes, Miriam com o coração palpitante, saiu pouco a pouco, das trevas em que nascera: uma Luz que desconhecia, foi iluminando os seus olhos! num grito que vibrou no meio do silêncio de todos, exclamou, inundada de felicidade:

— Eu vejo! Eu vejo! Eu vejo!

O Lar

FRUTA

Quem há que não goste de fruta? Sabe tão bem! E' mesmo um regalo enterrar os dentes num pêcego madurinho ou numa talhada fresca de melancia!

E a fruta, além de ser agradável, é ainda um bom alimento. Quási todos os frutos têm bastante assúcar e fornecem ao organismo excelentes vitaminas. Embora alguns sejam pouco alimentares, beneficiam a saúde.

Certos frutos têm ricas qualidades terapeuticas. As laranjas e as uvas fazem bem ao fígado, as ameixas são laxativas, o chá da casca do limão é bom para as constipações e o sumo para a garganta, etc. Fazem-se *curas* de uvas com óptimos resultados.

Nem todos os frutos possuem as mesmas qualidades digestivas.

As uvas e as laranjas são de fácil digestabilidade; o melão e o pêcego são mais indigestos.

Os frutos cosidos ou assados (pêras e maçãs) digerem-se melhor do que crus, porisso preparam-se assim para os doentes. As pessoas de boa saúde devem preferir os frutos ao natural; cosidos perdem as vitaminas.

Os frutos cristalisados ou sêcos ao sol (ameixas, pêras, uvas, etc.) constituem um alimento forte e de boa digestabilidade.

Os frutos oleosos (avelãs, amendoas, etc.), que são frutos sêcos naturalmente, são muito nutritivos, pela quantidade de matéria gorda que contêm, mas, por êsse mesmo motivo, são de digestão difícil.

Os frutos só se devem comer em perfeito estado de maturação. Demasiado verdes, têm um excesso de acidês que pode produzir cólicas e doenças intestinais; se estão maduros de mais, sofrem fermentações que os alteram e nos podem fazer mal.

Há pessoas (mesmo crescidas...) que quando vêm as cerejas ou as uvas já *a pintar* não resistem! São quási como os garotos das aldeias que comem os frutos ainda verdes como as folhas! Porisso o verão é o tempo das doenças intestinais!

Também faz mal comer a fruta quente do sol.

Alguns frutos, como por exemplo os morangos, as ginjas, etc., estragam-se com facilidade se os deixamos pisar; têm de se acomodar com geito.

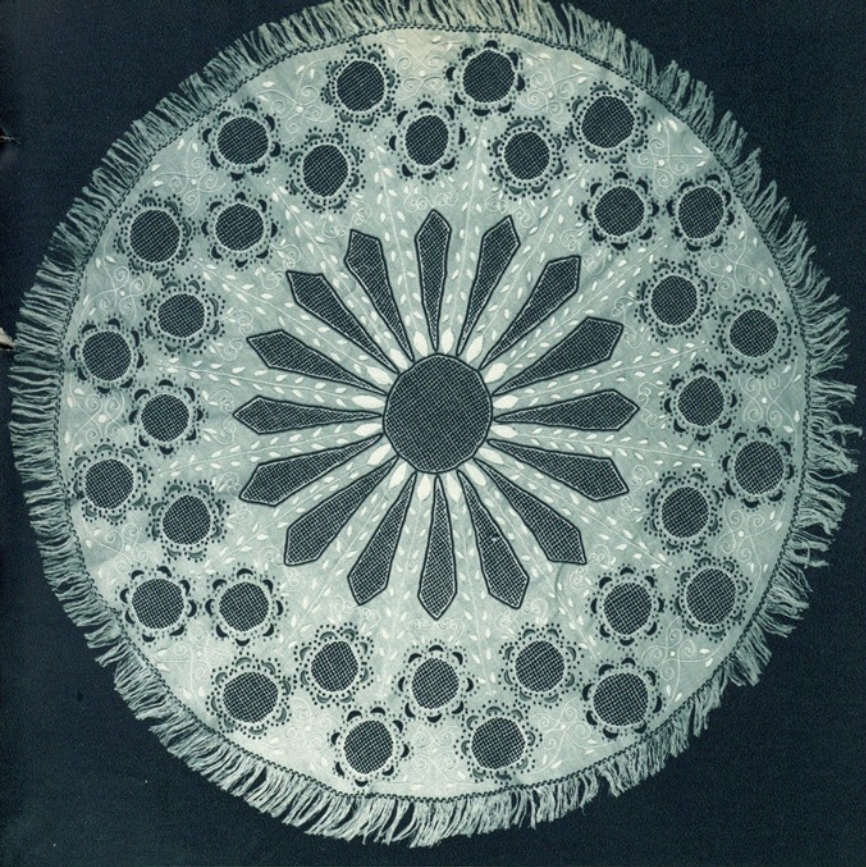
As maçãs são um dos frutos que mais suportam e que mais tempo se conservam depois de apanhadas. E' costume guardá-las para o inverno, para quando a outra fruta falta.

Os frutos que se deseja conservar não se devem apanhar excessivamente maduros nem guardá-los húmidos. Devem-se escolher frutos sãos, que ainda não estejam tocados, e colocá-los sôbre prateleiras, em lugar sêco, e separados uns dos outros.

As uvas dependuram-se, com um bocadinho de vide agarrada ao cacho.

A fruta, comida de manhã, em jejum, é muito higiénica.

E' muito agradável apanhar a fruta da árvore e comê-la logo ali, sem mais cerimónia, depois de limpa. Mas a fruta que se compra deve ser sempre lavada, excepto aquela a que se tira a casca antes de a comer.

No entanto, mesmo essa se deve lavar ou limpar antes de a colocar na fruteira, para ficar mais bonita, se tiver mau aspecto.

TRABALHOS DE MÃOS
PANO REDONDO

Êste pano, que tem 70cm de diâmetro, não contando com a franja de 4cm, desfiada no próprio tecido, é feito em linho cru. As rodelas de crivo que formam a barra têm o bordado que as circunda, umas, em azul, e outras (alternadas) em encarnado. Os nòzinhos são azuis, se o bordado é encarnado, e vice-versa. As folhas e mais arabescos são brancos. Todo o bordado é feito com algodão *perlé,* com excepção do crivo, que é feito com linha fina, da côr do linho.

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

SALAZAR e a M. P. F.

O mundo atravessa a hora mais dolorosa que a nossa imaginação pode conceber.

A humanidade sofre os horrores duma guerra sangüinária que ameaça subverter os pequenos povos e velhas civilisações.

Portugal, pioneiro da civilisação que procurou estender às cinco partes do mundo, não pode ser indiferente ao momento que passa. Nas ocasiões mais críticas da nossa História sempre se nos deparou alguém que como milagre salvasse o nosso destino. Ourique e Aljubarrota são os expoentes máximos da nossa vontade de povo livre e senhor dos nossos destinos.

Mas, se o nosso querido torrão fôr ameaçado, nós, filiadas da M. P. F. iremos, dentro dos nossos deveres de mulher, combater os inimigos, porque a M. P. não dorme, não!...

Velam por aquele «D. Nuno do Século XX» que tirou Portugal do abismo. Sim, do abismo, porque Portugal estava na agonia quando os homens de 28 de Maio o elegeram seu chefe, chefe êsse que se impõe, não por meio do punhal ameaçador, mas sim à custa de talento e inteligência.

Muito se orgulharão os santacombadenses de terem como seu conterrâneo tão alto vulto da nossa História contemporânea. A M. P. F., escola das mulheres de ámanhã, prontifica-se a ajudar a sua Pátria, quando delas precisar, com risco da própria vida.

São palavras, saidas do fundo do coração duma jóvem vanguardista da M. P. F. que muito estremece a sua Pátria.

Saúdemos pois, nesta hora tão grave para a humanidade, Sua Ex.ª o Sr. Presidente do Conselho, como ponto culminante de patriotismo, e ergamos bem alto as nossas orações à Divina Providência para que nos preserve a vida do grande estadista e chefe que nos tem afastado do grande conflito que espalha por tôda a parte o luto e a dor.

E' preciso que sigamos o caminho que nos traça Salazar — e se assim fizermos, estou certa, de que quando a Pátria disser «Alerta», nós responderemos de braço estendido:

Alerta estamos!...

Celeste Rosa Sousa Martins
Filiada N.º 9.800 — *Barcelos*

ORAÇÃO

De joelhos na caminha,
Luísa faz oração.
Curva a linda cabecinha,
Põe as mãos com devoção.

E ao anjo seu protector,
Que lhe sorri meigamente,
Pede com todo o ardor
A paz para tôda a gente.

Pede p'los pais muito queridos
Pede pelos pobrezinhos.
Também não deixa esquecidos
A boneca e os avòzinhos.

Que quadro belo, de amor,
Que sabe bem admirar!
Anjo lindo e protector,
Outro anjo ouvindo falar!

Já acabou de rezar
Luísinha, que a sorrir,
Puxa a roupita a pensar
Que são horas de dormir.

Sonha feliz, socegada...
Seu rosto, banhado em luz,
E' que ela vê, encantada,
O doce, o amigo Jesus!

JULIETA MARQUES CARDOSO
Filiada n.º 32.649
Infanta — Centro 2 — Ala 2 — Estremadura

DESENHO AGUARELADO DA FILIADA MARIA DA CONCEIÇÃO FARIA DE BARROS, VANGUARDISTA, CENTRO 3, ALA 3, ALTO DOURO E MINHO